

“Tudo aqui é um exílio”: violência colonial, desterramentos, testemunhos e sobrevivências

*Fabiana A. A. Jardim*¹

Resumo: Este artigo busca aprender como a literatura afro-americana, notadamente brasileira e estadunidense, mobiliza eventos críticos como o desterro de África, a travessia atlântica e a escravidão nas Américas, em um gesto que se endereça tanto ao presente – a partir da maneira pela qual o dispositivo racial produz a experiência negra como impossibilidade de sentir-se em casa (nas relações cotidianas e na experiência de cidadania) –, quanto ao passado e ao futuro. Ao afirmar as vidas perdidas em tais catástrofes como passíveis de luto, se estabelece uma estratégia de cuidado que pode ser entendida como reinscrição dos mortos e de si em uma teia de relações vivas, assumindo distintas formas, entre elas o uso da palavra e a habitação das línguas (ainda que a dos colonizadores).

Palavras-chave: Diáspora africana; Escravidão; Memória; Testemunho.

“EVERYTHING HERE IS AN EXILE”: COLONIAL VIOLENCE, TESTIMONY AND SURVIVAL

Abstract: The article takes from African-Brazilian and African-American literatures to analyse how they bring critical events such as the abductions from Africa, the Middle Passage and slavery in

¹ Graduada em Ciências Sociais (Universidade de São Paulo – USP), mestre e doutora em Sociologia (Programa de Pós-Graduação em Sociologia/FFLCH-USP), professora da Faculdade de Educação (USP) e do Programa de Pós-Graduação em Educação/FEUSP). OrcID: 0000-0001-8694-0578. E-mail: fajardim@usp.br

Americas into question in order to propose an aesthetic gesture, addressed both to the present (calling attention to how the dispositif of race produces Black experience as an impossibility to feel at home, in everyday life and in claiming citizenship) and to the past and future. This is achieved by affirming all lives lost in those catastrophic events as grievable, a crucial strategy of care which can be seen as a re-inscription of the dead and of oneself into a weave of living relationships, assuming different aesthetic gesture, like to use speech and to inhabit language (even if it is the colonizer's one).

Keywords: African diaspora; Slavery; Memory; Testimony.

*apesar do sol
das palmeiras
dos sabiás,*

*tudo aqui
é um exílio.*

Lubi Prates

É possível que a violência empreendida contra povos africanos, sequestrados, traficados e escravizados e aquela empreendida contra povos indígenas nas Américas no processo de invasão e colonização possam ser pensadas não como algo circunscrito aos séculos XVI-XIX, a ser examinado pelo conhecimento histórico, mas sim como entramada em nosso cotidiano, participando das relações presentes? A despeito da fragilidade das evidências, das lacunas e parcialidade dos arquivos, podemos pensar o trabalho subjetivo, ético, estético, intelectual e/ou político realizado por alguns de nossos contemporâneos como um gesto de testemunhar tais violências, atualizando-as como questões endereçadas ao presente? Em outras palavras: ainda que se trate de situações aparentemente distantes de nós, em uma perspectiva linear da história, quais efeitos são produzidos quando reconhecemos sua *sobrevida* ou quando nos dispomos a rememorar-los publicamente?²

² O artigo vincula-se ao projeto de pesquisa "Educação, direito à rememoração e transmissão: literatura de testemunho e transformações do Estado". Muitos dos poemas que aparecem aqui têm frequentado há alguns anos as salas de aula pelas quais sou responsável, de modo que minha relação com eles não é analítica, no sentido es-

Dadas as diferentes posições que é possível ocupar em tais paisagens da memória e na cena do testemunho, quais os efeitos da rememoração sobre o que costumamos compreender como comunidade política, no quadro da nação ou da cidadania? De que modo tais narrativas interpelam a imaginação das diferentes coletividades a que pertencemos e abrem (ou fecham) possibilidades de produção de laços?³

Neste artigo, pretendemos refletir sobre tais questões examinando a literatura de escritoras e escritores afro-americanos, especialmente afro-estadunidenses e negro-brasileiras⁴, prestando atenção à maneira como é mobilizado o sentimento do exílio, a um só tempo, para nomear uma perda irreparável, ocorrida no passado, e para apontar a produção continuada do desterro, por meio de operações do poder ancoradas no dispositivo racial. Ainda, nossa análise tomará essa produção literária em ao menos duas dimensões: como literatura de teor testemunhal que, nesse sentido, atualiza, introduz e endereça uma série de questões éticas à História, ao fazer artístico e à política; e como trabalho de produção de vida, ao constituir um lar na linguagem e também novas imaginações de comunidade.

trito do termo, uma vez que foi na experiência de os ler e reler que se abriram afetos, questões e tensões até então pouco refletidas sociologicamente por mim. Por meio dos poemas, algo se transmite e continua me interpelando, e é por isso que continuo a trazê-los para espaços de encontro, procurando dar seguimento a tarefa de enfrentamento das estruturas coloniais e racistas, que não poder ser feita sem a mediação dos afetos, sem uma radical transformação da economia de sensibilidades que organiza nossos sentidos e nos dispõe ou não a reconhecer violências e danos. Registro aqui meus agradecimentos aos estudantes com quem pude conviver no contexto de uma década tão decisiva no que se refere às dinâmicas das relações raciais no país.

³ Tais questões, embora ensejem medidas de justiça e reparação distintas, podem ser pensadas em relação com aquelas que emergem no quadro das políticas de memória. Procuramos tratar desse tema em JARDIM, Fabiana A. A. Por entre as chamadas da infância: Presente, memória e transmissão de experiências de violência estatal, *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, pp. 155-78, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/childphilo.2016.23331>>. Acesso em 10/12/2021; e *Idem*. Dos gestos (e imagens) necessários à afirmação da vida: cultura política, práticas de memória e pandemia, *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Rio de Janeiro, Reflexões na Pandemia 2021. Disponível em: <<https://www.reflexpandemia2021.org/texto-109>>. Acesso em 7/9/2021.

⁴ Cf. CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

O texto inicia pela seção intitulada “Desterros: os arquivos da violência”, em que dialogamos com a escritora negra canadense Dionne Brand, com a poeta negra brasileira Lubi Prates – cujos versos compõem o título deste artigo –, e com a afro-estadunidense Nayyirah Waheed,⁵ chamando a atenção para a maneira como, de modos distintos, as autoras trazem à cena a questão do desterro e do não pertencimento em suas poesias, a partir de uma reflexão sobre o lugar ocupado por África em seu passado e as marcas visíveis de tal origem em seus corpos, ecoando a violência original do tráfico e da escravização nos limites da cidadania que acessam. Na seção seguinte, “Sobrevivências: testemunhos, possibilidades de vida”, trazemos outro conjunto de poemas, incluindo alguns do poeta brasileiro Carlos Orfeu; o teor testemunhal da literatura será analisado aqui, bem como diferentes acepções de sobrevivências, que podem dizer respeito tanto àquilo que persiste e produz reiterações de violência, quanto ao que se transmite de vida, *apesar de tudo*. Nas “Considerações finais: poéticas do exílio, políticas do luto”, procuramos retirar algumas consequências éticas e políticas das profundas questões introduzidas pelos textos e poemas aqui mobilizados, reconhecendo-os ainda no interior de um campo intelectual mais amplo, produzido por autores e pesquisadores da diáspora africana, em especial no que se refere à *experiência do tempo* que é reconhecida, elaborada e teorizada quando se pensa a partir da experiência de populações nas margens e notas de rodapé da História, retomando os pontos principais de nossa reflexão e remetendo, ainda, ao tema geral do Dossiê.

Ao longo de todo o artigo, há um diálogo direto com o trabalho de Saidiya Hartman⁶ examinando os dilemas em torno de uma narração que

⁵ Procuramos respeitar os termos nos quais as escritoras e escritores que comparecem no artigo se identificam; no caso de N. Waheed, utilizamos o afro-estadunidense para manter a construção hifenizada, mas – como no caso das demais autoras – marcando a nacionalidade, uma vez que estamos tomando afro-americanas aqui como uma experiência transnacional, ligada à diáspora africana nas Américas.

⁶ Em especial, HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021; *Idem*. Vênus em dois atos, *Revista EcoPós*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, pp. 12-33, 2020. (Dossiê Crise, Feminismo e Comunicação). Disponível em: <<https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640>>. Acesso em 10/5/2021; e *Idem*. Tempo da escravidão, *Contemporânea*, São Carlos, v.

toma por objeto ou passa por violências incomensuráveis, frequentemente arquivadas apenas de modo indiciário, comprometida a enfrentar o desafio de modificar a relação que estabelecemos com o passado, a fim de escapar dos limites do arquivo e do mundo que tal violência configurou.⁷

Desterros: o arquivo da violência

Em seu livro intitulado *Mapa para a Porta do Não Retorno: notas de pertencimento*, a escritora negra canadense Dionne Brand parte de uma memória de infância: quando ela tinha treze anos, um dia seu avô comenta saber de qual povo africano a família provém. Animada, ela lhe lança todos os nomes de povos que conhecia até então, mas ele não reconhece nenhum, pedindo que o deixe em paz e explicando que saberia quando ouvisse o nome correto. Ela fica atrás do avô por dias, à espreita da recordação; vai à biblioteca, pesquisa outros nomes que pudessem ajudar sua memória, mas ele não consegue se recordar. A frustração de ambos cristaliza um silêncio e uma distância entre eles, até que ela desiste. “Depois disso”, ela diz, “ele envelheceu. Eu me tornei jovem. Um pequeno espaço se abriu em mim”⁸. Brand afirma que, ao longo do tempo, o nome do povo de que sua família se originara deixou de importar, na medida em que ela percebeu que a resposta pouco poderia fazer para recobrir a fratura que a situação com seu avô lhe revelara: “Não éramos de onde vivíamos e não podíamos nos lembrar de onde viéramos ou quem éramos. E isso era profundamente perturbador”⁹.

10, n. 3, pp. 927-48, set.-dez. 2020 (Dossiê Diáspora africana). Disponível em: <<https://doi.org/10.31560/2316-1329>>. Acesso em 3/6/2021.

⁷ Registro aqui meus agradecimentos a Christen Anne Smith, que me permitiu conhecer o trabalho de Hartman no curso sobre Métodos do Feminismo Negro que ofereceu em nosso PPGE/USP em 2018. E também a Fernanda Silva e Sousa, pela sempre fértil interlocução em torno das questões propostas pela autora e do que sua produção abre de caminhos para pensarmos a experiência brasileira.

⁸ BRAND, Dionne. *A Map to the Door of No Return. Notes on Belonging*. Toronto: Vintage Canada, 2001, p. 4. Tradução nossa..

⁹ *Ibidem*, p. 5. Tradução nossa.

À desolação provocada pela consciência da falta de um passado cognoscível, Brand associa a imagem da Porta do Não Retorno. Trata-se dos limiares atravessados por africanos escravizados para embarcar nos navios que os transportariam – em condições terríveis e, frequentemente, mortais – para as Américas. Em países da costa africana nas quais funcionaram entrepostos do comércio transatlântico (Benin, Senegal, Gana, por exemplo), existem tais portas ou portões – muitos deles hoje transformados em lugares de memória da catástrofe da escravidão. A Porta do Não Retorno expressa o corte entre passado e presente, a impossibilidade de retrazar os caminhos de volta a um antes da escravidão e reencontrar laços de família, comunidade e uma identidade não danificada pela violência.

A Porta do Não Retorno é uma imagem que condensa a sequência de gestos violentos que operam a passagem de alguém para a condição de escravo no contexto do tráfico transatlântico: a captura, muitas vezes ligada à devastação de vilas inteiras; o deslocamento até um espaço de comércio ou entreposto comercial; a marcação a ferro daqueles e daquelas que seriam levados às Américas; a espera pelo navio, em celas lotadas e insalubres; o embarque rumo ao desconhecido; a travessia em situação precária, o que frequentemente resultava na perda de muitas vidas...¹⁰ Cada etapa da escravização dava contornos mais nítidos ao desterro. Não à toa, análises de tal dinâmica chamam a atenção para a *morte social* que precede e participa da criação do escravo¹¹.

Tal processo, por vezes composto também de ritos cujo objetivo central era liberar os que ficam das responsabilidades sobre os que se vão,¹² articula as expropriações que produzem o escravo, tal como analisado por Achille Mbembe:

a condição de escravo resulta de *uma tripla perda*: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de status político. Essa perda

¹⁰ Ver, por exemplo, HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

¹¹ PATERSON, Orlando. *Escravidão e morte social. Um estudo comparativo*. São Paulo: Edusp, 2008.

¹² Para uma descrição e análise de tais rituais, ver HARTMAN, Saidiya. *Op.cit.*, em especial o capítulo VIII.

tripla equivale a dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral).¹³

A despeito da Porta do Não Retorno ou dos rituais de separação entre os capturados e os sobreviventes (ou, se quisermos, entre esses mortos sociais e os vivos), o continente africano permaneceu como ideia na experiência de afro-americanos. Como Dionne Brand registra:

o nome de que ele não podia se lembrar era do lugar de que não podíamos nos lembrar. África. Era o lugar de que não lembrávamos, mas se alojava em todas as conversas sobre quem éramos. Era um segredo visível. Por meio dos programas da BBC fomos habitados pela consciência britânica. Também fomos habitados por um eu desconhecido. O africano. Tal dualidade era combatida todos os dias desde a hora que acordávamos até a hora de dormir. [...] O eu africano tão persistente e tão temido porque informado pelas imagens coloniais dos africanos como selvagens e não por qualquer coisa que podíamos evocar a partir de nossas memórias.¹⁴

A poeta negra brasileira Lubi Prates reflete sobre essa dualidade de que fala Brand desde o primeiro poema de seu livro *um corpo negro*, “mátria e/ou terra-mãe”, em que a imagem da terra materna(l) é recusada pois “não é mãe/se inventa um navio/quando te jogam/ao mar/se força as ondas/pa que chegue/mais rápido/ao desconhecido”¹⁵. Mas, se não é possível encontrar a mátria, isto é, um local de pertencimento e acolhida amorosa, o segundo poema, sem título, explicita que tampouco é possível encontrar a pátria, tão masculina, no “útero geográfico/que me pariu”¹⁶. Ter nascido no Brasil, assim, não coincide com a produção de um pertencimento, mesmo que de outra natureza, como o ingresso em uma rede de solidariedades impessoais, garantidoras dos direitos e reconhecimentos ligados ao

¹³ MBEMBE, Achille. Necropolítica, *Arte & Ensaios*, revista do ppgav/eba/ufrrj, n. 32, pp. 123-51, dezembro 2016; p. 131, grifo nosso. Disponível em: <<https://revistas.ufrrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>. Acesso em 3/8/2021; grifos nossos.

¹⁴ BRAND, Dionne. *A Map to the Door of No Return. Notes on Belonging*. Toronto: Vintage Canada, 2001, pp. 16-7. Tradução nossa.

¹⁵ PRATES, Lubi. *um corpo negro*. São Paulo: Nósotras, 2018, p. 19.

¹⁶ *Ibidem*, p. 21.

estatuto da cidadania. Entre os dois continentes, a experiência da *expulsão* parece se repetir.

O tema é retomado no poema “tudo aqui é um exílio”, a que fazemos referência no título deste artigo. Nesse poema, Prates explicita a impossibilidade de se sentir em casa no território hostil de seu próprio país, em que seu corpo negro é sempre lido como inimigo, estrangeiro à comunidade imaginada da nação, a despeito de constituir a absoluta maioria da população.¹⁷ A referência à “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, que tem alguns de seus versos inscritos no hino nacional brasileiro, tensiona a questão do pertencimento e identificação, introduzindo o problema de quem pode experimentar o país idílico das saudades do poeta: quem cabe, afinal, no quadro da nação?

O poema inicia afirmando que, “apesar do sol/das palmeiras/dos sabiás, // tudo aqui é um exílio”¹⁸. A experiência do exílio não é produzida por uma diferença irreconciliável com os demais habitantes do país, uma vez que ela se dá “apesar dos rostos/quase todos negros/dos corpos/quase todos negros/semelhantes ao meu”¹⁹. O poema prossegue apresentando algumas razões pelas quais o exílio é produzido, e aqui, novamente, a dualidade referida por Dionne Brand aparece, afirmando África como elemento central, a despeito de todo o imenso trabalho de esquecimento e apagamento: “tudo aqui é/ um exílio, // embora eu confunda/a partida e a chegada. // embora chegar/apague/as ondas que o navio/forçou no mar/embarca chegar/não impeça/que meus olhos/sejam África,/tudo aqui é um exílio”²⁰.

No interior do tema desta seção, há diversos aspectos do poema que nos parecem importantes e para os quais chamamos a atenção. O

¹⁷ Falando de comunidade imaginada, referimo-nos a ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Para um diálogo crítico com Anderson em torno do problema das relações entre modos distintos de imaginação de comunidades políticas, ligados à nação ou à etnicidade, ver CHATTERJEE, Partha. La utopía de Anderson. In: CHATTERJEE, Partha. *La nación en tiempo heterogéneo y otros estudios subalternos*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2008, pp. 107-21.

¹⁸ PRATES, Lubi. *um corpo negro*. São Paulo: Nós, 2018, p. 31.

¹⁹ *Ibidem*, p. 31.

²⁰ *Ibidem*, 2018, p. 32.

primeiro aspecto se refere à observação de que a maioria dos corpos são semelhantes ao seu, certamente um ponto que diferencia a experiência de brasileiros de ascendência africana da experiência de outros afro-americanos, em especial aqueles que vivem na América do Norte: afinal, estimativas realizadas pela iniciativa *Slave Voyages*²¹ registram que dos cerca de 12,5 milhões de africanos escravizados e embarcados nos tumbeiros, 5,8 milhões tiveram como destino o Brasil. Estimativas de Paterson sugerem ainda que, ao longo do funcionamento da instituição escravista e dos diferentes ciclos econômicos sustentados por ela, a população de escravizados chegou a representar mais de 60% da população brasileira em geral.²² O segundo aspecto se refere à indistinção entre partida e chegada, que no contexto do poema sugere a reiteração do arrancamento que esteve no início – a escravização, o deslocamento forçado – e também no fim, no novo território em que se produziu, por séculos, a impossibilidade de lar. Finalmente, o poema se ancora em uma temporalidade que oscila entre continuidade e repetição, uma vez que a partida e a chegada não são referidas a um ancestral, mas vividas pela própria poeta que, exilada, é África em seu próprio corpo. O que significa ser África nos olhos? Seria justamente o posicionamento desse olhar o que permite recusar o idílico da paisagem nacional e acusar o exílio? Tal localização se refere a um espaço ou a um tempo?²³

A escritora afro-estadunidense Nayyirah Waheed, em seu livro de poemas *salt.*, também mobiliza de diferentes maneiras o continente africano em sua poesia, abordando a questão do esquecimento forçado das

²¹ A iniciativa está sediada na página <<https://www.slavevoyages.org/>>. Acesso em 20/12/2021.

²² PATERSON, Orlando. *Escravidão e morte social. Um estudo comparativo*. São Paulo: Edusp, 2008, p. 492.

²³ Em relação aos termos desta última pergunta, entendo-a em diálogo com Hartman: “Se o passado é outro país, então eu sou sua cidadã. Eu sou a relíquia de uma experiência que a maioria preferiu não lembrar, como se a pura vontade de esquecer pudessem resolver ou decidir a questão da história. Eu sou a lembrança de doze milhões que cruzaram o Atlântico e de que o passado ainda não acabou. Eu sou a prole dos cativos. Eu sou o vestígio dos mortos. E a história é como o mundo secular cuida dos mortos”. HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, p. 27.

origens, apagadas pela violência do arquivo colonial, no qual escravizados não têm nomes pessoais nem são identificados quanto a seu povo de origem, mas apenas listados como mercadoria²⁴.

Em “amnésia”, a poeta compartilha que “nosso sofrimento/por/áfrica./é/o coração/detrás/de nosso coração./a dor sem nome”. Destacamos algo que já aparecera, em alguma medida, no texto de Dionne Brand mas que, aqui, se torna mais complexo: se quando Brand utilizava a primeira pessoa do plural para falar do que “não podíamos lembrar” era possível imaginar que ela se referisse a sua própria família, em Waheed esse *nós* que sofre pelo continente perdido circunscreve de modo mais preciso as identificações possíveis – trata-se de um sofrimento experimentado de modo específico por afro-americanos, por aqueles e aquelas para quem o esquecimento público da violência dos deslocamentos forçados representa a dificuldade de nomear o perdido e o dano.

Em nossa leitura, a enunciação dessa dor, que consiste em sua nomeação como algo ligado ao problema da memória, tem como interlocutores não somente aquelas e aqueles que partilham dessa experiência diretamente, mas pode ser entendida como chamado às pessoas brancas à partilha do trabalho de lembrança e de reconhecimento da violência de tais eventos, uma vez que seus efeitos não se restringem aos povos atingidos e às comunidades criadas pela diáspora forçada. Voltaremos a esse tema nas seções seguintes.

Em “amnésia”, a imagem do coração por trás do coração é bastante vívida, retomando a questão da dualidade comentada por Brand e por Prates e aprofundando-a, deixando entrever certa espectralidade que será retomada no primeiro de um conjunto de cinco poemas intitulado “afro-americana”.

Em “afro-americana i”, fantasmagoria, língua e exílio são articulados para dizer novamente das dificuldades provocadas pelo esquecimento. Diz Waheed: “existe uma linguagem/fantasma em minha boca./uma língua sob

²⁴ A este respeito, ver *Idem*. Vênus em dois atos, *Revista EcoPós*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, pp. 12-33, 2020 (Dossiê Crise, Feminismo e Comunicação). Disponível em: <<https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640>>. Acesso em 10/5/2021; e MCKITTRICK, Katherine. Mathematics Black Life, *The Black Scholar*, v. 44, n. 2, States of Black Studies, pp. 16-28, Summer 2014.

a minha língua./irei algum dia/lembrar como/soo./irei algum dia retornar para casa”²⁵. Aqui, o duplo já não é o coração, mas a língua e a linguagem perdidas na travessia atlântica, que constantemente assombram as possibilidades de produção do pertencimento nacional.

O segundo poema, “Afro-americana ii”, nomeia de modo ainda mais pungente as dificuldades envolvidas em tal identidade. Nele, Waheed registra:

perdi todo um continente./todo um continente/da minha memória./diferente de todos os outros americanos hifenizados/meu hífen é feito de sangue. fezes. osso./quando áfrica diz oi/minha boca é uma desolação./porque não tenho nada em minha/língua/para responder a ela./eu não sei como dizer oi/para minha mãe.²⁶

Aqui já não se trata de uma linguagem fantasma que assombra a boca, mas de uma ausência. “Perder um continente da memória” é uma imagem forte da escala do esquecimento e do apagamento, em especial porque o continente é mantido na identidade hifenizada que marca a diferença em relação ao conjunto da nação²⁷. Também muito viva é a imagem do hífen, sinal gráfico, que no poema se revela feito de matéria orgânica como sangue, fezes e ossos – todos os restos que marcaram os espaços contínuos da cela do entreposto, dos porões dos navios e as formas de tortura com que senhores pretenderam constituir a impossibilidade da revolta nas Américas²⁸. A lacuna na memória produz

²⁵ WAHEED, Nayyirah. salt. [s.l.], 2013 [ebook]. No original: “there is a phantom language in/my mouth./a tongue beneath my tongue./will i ever/remember what/i sound/like./will i ever come home. – african american i”.

²⁶ *Ibidem*. No original: “i lost a whole continent./a whole continent from my/ memory./unlike all other hyphenated americans/my hyphen is made of blood./feces. bone./when africa says hello/my mouth is a heartbreak./because i have nothing in my/ tongue/to answer her./i do not know how to say hello/to my mother. – african american ii”.

²⁷ Nos Estados Unidos da América, as classificações étnico-raciais operam pela articulação entre territórios de origem e de chegada, persistindo ao longo do tempo e das gerações.

²⁸ A este respeito, ver HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. Destaco sua descrição do calabouço no Castelo de Elmina, importante entreposto no tráfico transatlântico: “Rejeitos humanos cobriam todo o piso do calabouço. À vista nua assemelhavam-se à fuligem.

o vazio da boca, impede a comunicação amorosa com o continente-mãe que tornaria possível reatar os laços rompidos pela violência.

A partir desse primeiro conjunto de textos e poemas, pretendemos começar a conversar sobre como diferentes escritoras afro-americanas expressaram a sensação de desterro ou exílio, por meio de um jogo de tensões entre a catástrofe do tráfico de escravizados que arrancou seus ancestrais do continente africano, em um processo violento de apagamento de rastros, laços e língua – violência fundamental para produção da morte social que era condição da escravização –, e a experiência do presente, em que o pertencimento às nações que se constituíram nos territórios em que a colonização esteve articulada a *sistemas escravistas de larga escala*²⁹ parece sempre incompleto, permeado por mal-estar, indissociável do dispositivo racial que emergiu historicamente dos nexos entre escravização e a invenção do Negro³⁰. África, nos textos que compõem o *corpus* desta seção³¹, aparece como referência constante, ainda que muitas vezes soterrada pelas práticas de esquecimento, de então e de hoje; pela impossibilidade de retraçar a história dos ancestrais com precisão, dadas as lacunas do arquivo; pela rejeição à memória de fatos tão dolorosos ou, ainda, pelo peso da gramática colonial, que decifra nas ruínas, sociais e físicas (produzidas por sua própria violência), o efeito da ação de suas vítimas, como se signos de sua suposta inferioridade – algo que aparece no texto de Dionne

Após o último grupo de cativos ter sido deportado, as celas foram fechadas, mas nunca foram limpas. Depois de um século e meio da abolição do tráfico de escravos, os rejeitos permaneciam. Para controlar o mau cheiro e a pestilência, o piso foi coberto com areia e cal. Em 1972, uma equipe de arqueólogos fez escavações no calabouço e removeu 45 centímetros de sujeira e restos. Eles concluíram que a camada superior do solo era feita de vestígios comprimidos dos cativos: fezes, sangue e pele esfoliada” (p. 146).

²⁹ Cf. classificação proposta por PATERSON, Orlando. *Escravidão e morte social. Um estudo comparativo*. São Paulo: Edusp, 2008, p. 453.

³⁰ Ver MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

³¹ Não é nossa intenção neste artigo recuperar o lugar ocupado pelo continente africano em práticas disciplinares como a História ou a Antropologia (como SCOTT, David. *That Event, This Memory: Notes on the Anthropology of African Diasporas in the New World, Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, Toronto, v. 1, n. 3, pp. 261-84, Winter 1991) ou nas políticas de movimentos negros em diferentes países.

Brand, quando aponta os efeitos de conhecer África pela episteme do colonizador, e no poema “o segredo que nunca dizemos| afro-americana iiiii”, de Nayyirah Waheed: “temos medo./vergonha./de/áfrica”³².

Se a referência à África como território do passado introduz a questão de um exílio permanente, o tema do retorno (ou de sua impossibilidade) é inevitável: como viver com todo um continente faltando da memória?³³ Como viver, como falar, tendo a boca assombrada por uma língua esquecida? Como transformar em linguagem (literária, política) essa memória difícil, que ocupa os corpos (olhos, boca, língua, coração) de seus herdeiros mais visíveis? Como fazer dessa linguagem arrancada à violência, desse conhecimento tornado possível pela posição liminar, as bases de um mundo comum?

Possibilidades de vida: testemunhos, sobrevivências

Após termos tratado do tema do desterro e do exílio, nesta seção nosso olhar se volta para a dimensão testemunhal presente na produção de autoras já referidas, Nayyirah Waheed e Lubi Prates, e também dos poetas brasileiros Tatiana Nascimento e Carlos Orfeu. Tal dimensão nos parece central para refletir sobre dois problemas, complementares. O primeiro se refere aos limites da própria noção de *testemunho*, construída após a Segunda Guerra Mundial, dado que esteve centrada em escritos, disciplinas e modos de conhecimento ancorados em experiências europeias e estadunidenses; assim, há um debate contemporâneo a respeito da importância de alargar conceitos e ferramentas analíticas a fim de compreender a pluralidade de experiências e formas estéticas forjadas para a transmissão de acontecimentos traumáticos, condição mesma de seu reconhecimento. O segundo problema se refere à questão das *sobrevivências*, pensadas aqui tanto como *sobrevida* da escravidão,

³² WAHEED, Nayyirah. salt. [s.l.], 2013 [ebook]. No original: “we are afraid./ashamed./of/ africa. – the secret we never say|afro-american iiiii”.

³³ A expectativa do “retorno” e uma análise densa das razões de sua frustração são exploradas por HARTMAN, Saidiya. Tempo da escravidão, *Contemporânea*, São Carlos, v. 10, n. 3, pp. 927-48, set.-dez. 2020 (Dossiê Diáspora africana). Disponível em: <<https://doi.org/10.31560/2316-1329>>. Acesso em 3/6/2021.

conforme a análise de Saidiya Hartman³⁴, como transmissão de gestos de vida *apesar de tudo*, em sentido semelhante à discussão feita por Georges Didi-Huberman³⁵.

Na segunda metade do século XX, a partir de acontecimentos como as duas guerras mundiais e a *Shoah*³⁶, experimentamos uma verdadeira explosão de práticas de memória, entre as quais a emergência de uma literatura de testemunho ou de teor testemunhal, que, ao narrar situações e fatos vividos em primeira pessoa ou experimentados por *terceiros*, contemporâneos ou de gerações seguintes, tinha como objetivo a transmissão do horror, para tornar possíveis o seu reconhecimento e a produção de um compromisso ético com a não repetição.³⁷ Outros acontecimentos também alimentaram a configuração desse novo gênero literário, tais como as lutas anticoloniais em África e Ásia, e as ditaduras na América Latina, com características específicas em cada espaço e universo sociolinguístico.³⁸ Além do campo

³⁴ HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021; e *Idem*. Tempo da escravidão, *Contemporânea*, São Carlos, v. 10, n. 3, pp. 927-48, set.-dez. 2020 (Dossiê Diáspora africana). Disponível em: <<https://doi.org/10.31560/2316-1329>>. Acesso em 3/6/2021.

³⁵ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017; e *Idem*. *Sobrevivência dos vagalumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

³⁶ Referimo-nos ao genocídio de judeus europeus executado pela maquinaria nazista alemã, que tem os campos de extermínio como paradigma central. Damos preferência ao termo *Shoah*, e não holocausto, para sublinhar a dimensão de catástrofe em vez da incômoda dimensão sacrificial presente no segundo termo, que poderia sugerir sentidos para uma violência desmedida.

³⁷ Ver SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura, testemunho, tragédia: pensando algumas diferenças. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2018, pp. 81-104; GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar Escrever Esquecer*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009, pp. 49-57; KENNEDY, Rosanne; BELL, Lynne; EMBERLEY, Julia. Decolonising testimony: on the possibilities and limits of witnessing, *Humanities Research*, v. XV, n. 3, 2009. Disponível em: <<https://press-files.anu.edu.au/downloads/press/p15131/html/Intro.xhtml?referer=&page=2#toc-ancho>>. Acesso em 10/11/2021; e CRAPS, Stef. *Postcolonial witnessing. Trauma out of bonds*. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2015.

³⁸ Márcio Seligmann-Silva chama a atenção para diferenças entre a noção de testemunho (*Zeugnis*) na Alemanha, ancorada na *Shoah*, na teoria crítica e na psicanálise, e a de *testimonio*, ligadas a experiências ditatoriais e referida a tradições religiosas

da literatura e da estética, práticas governamentais que emergiram em torno do direito ou do dever de memória também contribuíram para definir cenas e formas do testemunho, com consequências ainda mais importantes para o reconhecimento de violências e danos que se tornam bases para demandas por justiça e reparação.³⁹

Autores que têm constituído o campo de debates sobre testemunho pós-colonial ou sobre descolonização do testemunho chamam a atenção para o fato de que, a despeito de seus compromissos éticos com a verdade e a interrupção de violências, em especial aquelas que são reconhecidas como violações aos direitos humanos, os estudos sobre testemunho e trauma têm falhado

em ao menos quatro pontos: eles marginalizam ou ignoram experiências traumáticas não ocidentais ou culturas minoritárias, eles tendem a subestimar a validade universal das definições de trauma e recuperação que se desenvolveram fora da história da modernidade ocidental, eles frequentemente privilegiam ou mesmo prescrevem a moderna estética fragmentária e a aporia como singularmente adequadas à tarefa de testemunhar o trauma, e eles geralmente ignoram as conexões entre traumas metropolitanos e não ocidentais ou minoritários.⁴⁰

Para nós que habitamos territórios produzidos pela violência metropolitana ou imperial, há ainda o desafio de ultrapassar o que Craps aponta como “modelo de trauma baseado em um evento”⁴¹, ou que temos

(SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Op. cit.*). No mundo anglófono, será importante distinguir entre abordagens do trauma do tipo Transtorno de Stress Pós-Traumático e aquelas que, partindo de referências comuns ao debate alemão, tenderão a uma definição normativa sobre o que são narrativas testemunhais, cf. CRAPS, Stef et al. Decolonizing Trauma Studies Round-Table Discussion, *Humanities*, pp. 905-23, 2015. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2076-0787/4/4/905>>. Acesso em 20/12/2021.

³⁹ Veena Das faz uma análise bastante aprofundada a respeito dos efeitos da constituição de uma certa gramática para a narração da violência da Partição sobre a vida das mulheres e crianças afetadas e para a própria imaginação da nação indiana (DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020; em especial o primeiro capítulo, intitulado “O evento e o cotidiano”).

⁴⁰ CRAPS, Stef. *Postcolonial witnessing. Trauma out of bonds*. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2015, p. 2. Tradução nossa.

⁴¹ *Ibidem*, p. 4.

chamado de violência entre colchetes, como se pudesse ser bem delimitada no tempo quanto a seu início e fim. Os eventos violentos que marcam nossa história de modo mais evidente – a conquista, a escravização e o tráfico, a violência reiterada para manutenção da escravidão – estão mais distantes no tempo, nem sempre contando com evidências históricas robustas, com sobreviventes ou com o registro de testemunhas diretas.

O problema, no entanto, é mais complicado pois, como aponta Mbembe,

no pensamento filosófico moderno e também na prática e no imaginário político europeu, a colônia representa o lugar em que a soberania consiste fundamentalmente no exercício de um poder à margem da lei (*ab legibus solutus*) e no qual tipicamente a “paz” assume a face de uma “guerra sem fim”. [...] As colônias não são organizadas de forma estatal e não criaram um mundo humano. Seus exércitos não formam uma entidade distinta, e suas guerras não são guerras entre exércitos regulares. Não implicam a mobilização de sujeitos soberanos (cidadãos) que se respeitam mutuamente, mesmo que inimigos. Não estabelecem distinção entre combatentes e não combatentes ou, novamente, “inimigo” e “criminoso”. Assim, é impossível firmar a paz com eles. Em suma, as colônias são zonas em que guerra e desordem, figuras internas e externas da política, ficam lado a lado ou se alternam.⁴²

Como poderia, então, a mesma matriz de pensamento político que legitimou a violência contra territórios e populações colonizadas servir de base à nomeação de seus atos como crimes contra a humanidade? Se a própria humanidade dos colonizados sempre esteve em jogo, como reconhecer a possibilidade de que eles possam ter sido vítimas – noção, ademais, muitas vezes moralmente carregada – da violência dos que se entendem como agentes de civilização? Se na lógica colonial a violência feita aos colonizados é sempre um efeito de sua própria inferioridade ou selvageria, como as noções de trauma e testemunho podem ser instrumentos de reconhecimento do dano que lhes foi feito?⁴³

⁴² MBEMBE, Achille. *Necropolítica, Arte & Ensaios*, revista do ppgav/eba/ufrrj, n. 32, pp. 123-51, dezembro 2016, cit. p. 133. Disponível em: <<https://revistas.ufrrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>. Acesso em 3/8/2021.

⁴³ Com estas questões não estamos sugerindo que as políticas de memória e teorizações sobre o trauma e testemunho não sejam fruto de um longo trabalho das vítimas de vio-

Em sentido distinto, o modelo de trauma e testemunho baseado em um evento é limitado para reconhecer os traumas provocados por violências estruturais, cotidianas, tais como o racismo – no caso do racismo antinegro, uma arquitetura montada precisamente por uma violência que foi estrategicamente posta entre parênteses nos marcos do fim do tráfico de escravizados e da abolição/emancipação dos escravizados no quadro dos estados-nação americanos.

Aqui entramos diretamente no problema da sobrevida da escravidão e das razões pelas quais remeter ao passado – à África continente mãe ou à travessia atlântica ou à escravidão – está conectado ao trabalho de oferecer testemunho das vidas perdidas e jamais choradas (ao menos coletiva e publicamente), então e agora. Como aponta Hartman:

A sobrevida da escravidão tem sido definida pelo duradouro e, aparentemente, interminável arrebate de nosso presente e pelos processos em curso de acumulação, despossessão e enclausuramento. Não é uma relação melancólica com o passado, mas uma relação estrutural de violência incessante e morte prematura.⁴⁴

Para uma elaboração literária de tais questões, tomemos como exemplo o poema “[da matemática, da cabalística, da numerologia racista dos eguns]”, da poeta negra cuí Tatiana Nascimento, que integra seu livro *lundu*.

02/10/1992
111 defuntos
28/11/2015
111 disparos
23 anos depois
515 anos depois
05 corpos depois
02 segundos depois
tododia

lências para produzir as condições em que sua narração pode ser ouvida e os danos infligidos possam ser reconhecidos e reparados. Por essa razão, os limites apontados impelem a disputar tais políticas e teorias – e não a abandoná-las.

⁴⁴ HARTMAN, Saidiya. Dead book remains. In: ENWEZOR, Okwui (Ed.). *Grief and Grievance: art and mourning in America*. New York: New Museum, 2019, p. 118. Tradução nossa.

=

87/dia

87/dia

87/dia

morte da periferia
estatística necrofilia
pretofobia estadista
*y viva la policía?*⁴⁵

Nesse poema, formalmente organizado como uma equação, Nascimento faz referência aos números absurdos dos assassinatos de pessoas negras no Brasil – algo que, desde o título do poema, mescla a precisão neutra da matemática, a estrutura oculta da cabalística e uma numerologia, modo de decifrar características e destinos pessoais a partir dos números, ancorada no racismo. Os números de mortes de pessoas negras, assim, são apresentados como efeito cruzado de lógicas violentas, persistentes ao longo do tempo, que conferem aura de “naturalidade” ao 87/dia que se repete na segunda parte do poema. Mesclando datas, número de mortos e número de tiros, o poema vai conectando pelos números a violência “excepcional”⁴⁶ de acontecimentos como o massacre do Carandiru⁴⁷ e a chacina de Costa Barros⁴⁸ à violência cotidiana.

⁴⁵ NASCIMENTO, Tatiana. *lundu*. 2ª ed. Brasília: Padê, 2019, p. 69.

⁴⁶ Utilizo excepcional entre aspas para marcar exatamente a continuidade entre a violência cotidiana e esses eventos em que a violência, pela escala ou pelo perfil das vítimas, ultrapassa os limites da sensibilidade pública, produzindo reações e efeitos que a retiram do funcionamento ordinário das coisas.

⁴⁷ No dia 2 de outubro de 1992, a Polícia Militar do estado de São Paulo invadiu o Complexo Penitenciário do Carandiru, localizado na cidade de São Paulo, como resposta ao início de rebelião em um dos pavilhões, produzindo 111 mortos em trinta minutos. Apesar de policiais envolvidos na operação, entre os quais o seu comandante, Ubiratan Guimarães, terem sido indiciados e levados à julgamento, e de alguns terem sido condenados, em 2016 todos os julgamentos foram anulados.

⁴⁸ No dia 28 de novembro de 2015, Wilton Esteves (20 anos), Roberto de Souza (16 anos), Wesley de Castro (25 anos), Cleiton Correa (18 anos) e Carlos da Silva (16 anos) voltavam da comemoração do primeiro salário de Roberto como ajudante de supermercado quando foram surpreendidos por uma saraivada de tiros – 111 – por policiais

Ainda que o poema coloque em relação dois eventos ocorridos durante a Nova República, na marcação do intervalo de tempo entre um e outro aparece a referência ao “515 anos depois”, registrando poeticamente como a repetição da violência, de seus números, de suas vítimas, caracteriza a violência em *looping* que atravessa séculos e estrutura a experiência de pessoas negras. Os últimos versos, que nomeiam o resultado da equação – “morte da periferia/estatística necrofilia/pretofobia estadista/y viva la policía?” –, apontam os nexos entre raça, classe e território, bem como sugerem os limites dos números para sensibilizar a população em geral e mobilizar para o enfrentamento dessa situação de terror racial, uma vez que os números trazidos pelas estatísticas⁴⁹ alimentam a necrofilia – isto é: não somente as mortes negras não se tornam motivo de escândalo⁵⁰, como há gozo em sua exibição pública, na medida em que tal exibição repisa os contornos da branquitude e sustenta o traçado dos limites da cidadania pós 1985⁵¹. A continuidade, a repetição e a exibição são condições de

que, conforme os relatos, tinham ido atender à uma situação de roubo de cargas. A despeito da tentativa da PM de utilizar a gramática do “auto de resistência”, testemunhas e provas comprovaram que os disparos foram feitos sem nenhum aviso e apesar da tentativa dos jovens de avisar que eram moradores.

⁴⁹ A este respeito, vale referir ao *Atlas da Violência de 2020*, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em que mais uma vez se registra a escala imensa de mortes violentas no país e a desproporção abissal com que atinge a população negra (IPEA. *Atlas da Violência de 2020*. Brasília: IPEA, 2020. Disponível em: < <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020?msclid=a452e749a53e11eca34b5881a6960824>>. Acesso em 10/12/2021).

⁵⁰ SILVA, Denise Ferreira. Ninguém: direito, racialidade e violência, *Meritum*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, pp. 67-117, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://revista.fumec.br/index.php/meritum/article/view/2492?msclid=f8195b99a53f11eca7be15a4fbb195e9>>. Acesso em 10/7/2021.

⁵¹ Para um exame sobre a importância de acontecimentos violentos da redefinição das fronteiras da comunidade política, que haviam sido alargados no processo de redemocratização, ver LEITE, Márcia Pereira. Entre o individualismo e a solidariedade: dilemas da cidadania e da política no Brasil, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 15, n. 44, pp. 73-90, 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092000000300004>>. Acesso em 5/6/2021.

produção do não evento da morte negra, das dificuldades em enunciá-la como efeito de violência e injustiça⁵².

Conferindo centralidade à questão dos números, o poema de Nascimento condensa de maneira contundente uma série de questões ligadas à sobrevivência da escravidão, uma vez que o apagamento dos nomes e individualidades e a desconsideração das vidas como vidas humanas integravam as tecnologias de conversão “de pessoas em commodities e unidades de moeda”⁵³.

Mas a violência não é tudo o que sobrevive, a despeito de todos os esforços em operar tal conversão, central à sustentação de um sistema (econômico, social, simbólico, psíquico) indissociável da antinegitude. Se as experiências no presente tornam possível perceber que a resistência, a revolta e o luto são coetâneos ao encerramento nesse sistema⁵⁴, é possível revisitar o arquivo lacunar do passado para buscar pistas sobre as vidas para além do enquadramento violento a partir do qual foram registradas. Mais do que isso, torna-se possível compreender que a própria sobrevivência – que não é apenas física – esteve ligada a desejos e sonhos de um tempo fora da violência, o que se liga à transmissão/recriação de elementos das culturas de origem para a produção da vida⁵⁵ e à produção de novas formas de habitá-la.

Tal aspecto aparece, por exemplo, no poema “raiz/imortal”, de Nayyirah Waheed, em que a poeta afirma que “tudo que foi/tomado/de mim/ainda está aqui”⁵⁶.

⁵² HARTMAN, Saidiya. Dead book remains. In: ENWEZOR, Okwui (Ed.). *Grief and Grievance: art and mourning in America*. New York: New Museum, 2019, p. 117.

⁵³ *Ibidem*, p. 118. Ver também MCKITTRICK, Katherine. Mathematics Black Life, *The Black Scholar*, v. 44, n. 2, States of Black Studies, pp. 16-28, Summer 2014.

⁵⁴ HARTMAN, *Op. cit.*

⁵⁵ Ver, por exemplo, análise de SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX*. 2ª ed. corrigida. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, que por meio de uma interrogação ao arquivo de imagens e relatos coloniais decifra a presença da concepção de família, casa e vizinhança entre escravizados no centro-sul do Brasil, conforme os territórios africanos de onde provavelmente provieram seus ascendentes.

⁵⁶ WAHEED, Nayyirah. *salt*. [s.l.], 2013 [ebook]. No original: “all that was/take/from me/is still here – root| immortal”.

Em sentido semelhante, também falando em raízes, Lubi Prates dirá:

se me arrancaram pela raiz//forço uma cartografia/desejando a terra//
porque os mares já me falaram absurdos/sendo apenas o caminho://ja-
mais alguma pista de destino.//se me arrancaram pela raiz//forço uma
cartografia/desejando a terra//deito meu corpo no chão/naquele exer-
cício pré-escolar de/circundar minha mão/meus braços/pés pernas ca-
beça//para criar limites e dizer: eu/para criar um território e dizer: eu/
para criar um mapa e dizer: eu//se me arrancaram pela raiz//forço uma
cartografia/desejando a terra/pois sobraram as sementes.⁵⁷

Aqui, não se trata apenas de permanência, *apesar de tudo*, mas de um trabalho de construção de um lugar no ponto de chegada. A referência a uma cartografia – não simplesmente desenhada, mas forçada – explicita a dimensão espacial e corpórea envolvida no novo assentamento, um processo que é de deitar raízes, mas também de enunciar a si mesma. Tal trabalho se desenvolve em dobras temporais entre passado e presente, na medida em que, ao final do poema, a força para realizá-lo é remetida às sementes que resistiram à travessia atlântica, bem como aos séculos em que senhores e Estado reiteraram a coisificação e a desposseção pela via da violência.

Tal trabalho de inventar e criar territórios de pertencimento aparece também em Waheed, em seu poema sem título em que faz uma declaração de origem: “sou filha de três países./a água./o calor./as palavras”⁵⁸. Origens estranhas, certamente, pois em nada semelhantes aos critérios governamentais que delimitam um país; no poema, a água e o calor, que podem fazer referência tanto ao continente africano e à travessia do mar quanto aos elementos naturais de que nosso corpo depende para viver, alcançam o estatuto de países, assim como as palavras⁵⁹.

No livro de poemas em que nos traz uma profunda meditação sobre a questão da carne e do corpo, o poeta brasileiro Carlos Orfeu falará, na

⁵⁷ PRATES, Lubi. *um corpo negro*. São Paulo: Nosotros, 2018, p. 25.

⁵⁸ WAHEED, Nayyirah. *salt*. [s.l.], 2013 [ebook]. No original: “i am the child of three countries./the water./the heat./the words.”.

⁵⁹ Em relação à palavra como criadora de “*lugares possíveis frente ao impossível colonial*” (p. 12), especificamente por e para escritoras negras lgbtqi+, ver NASCIMENTO, Tatiana. Diz/topias, *Suplemento Pernambuco*, n. 170, pp. 12-7, abril de 2020.

seção XI do poema “do osso”, sobre a reconstrução de uma nova casa a partir de vestígios de vida – os ossos fossilizados –, por meio de um lento trabalho de coleta e montagem: “na garganta da pedra/tudo que é osso reluz//como os frutos/catá-los/ das veias de ramos//com eles reconstruir// do fim//: o começo/outra casa”⁶⁰.

Nessa outra acepção de sobrevivência, encontramos cadeias de transmissão de vida, em gestos endereçados ao futuro e recebidos no presente (as sementes) ou em gestos do presente endereçados aos parques fragmentos do passado (que reluzem apenas para os olhos atentos, dispostos a coletá-los); em ambos os casos, as imagens de pertencimento (a terra, os países, a casa) se contrapõem decisivamente ao conjunto de poemas da primeira seção – contra o exílio provocado pela violência, a memória recalcitrante, guardada no próprio corpo ou então buscada nos fragmentos de recordação, na linguagem ou nos objetos.

Uma última nota, antes de passarmos às considerações finais. Na primeira seção, ao abordar um dos poemas da Nayyirah Waheed, chamei a atenção para o fato de que o “nosso” enunciado por ela explicitava que sua escrita se dirigia a leitores de ascendência africana, com quem ela partilha uma posição em relação à tal memória. Retorno a essa questão, especialmente após ter tratado da dimensão testemunhal que a literatura afro-americana assume, por entender que, ainda que esses escritos sem dúvida alguma abordem temas e questões comuns a muitas pessoas ao redor do planeta (e, inclusive, que sua escrita seja uma maneira de produzir essa comunidade)⁶¹, não devemos perder de vista a singularidade da história que buscam elaborar. Com isso quero apontar que, a depender do lugar que ocupamos no território dessas memórias difíceis, acolher o teor testemunhal presente nos textos aqui apresentados significa ser afetado por eles, reconhecer a posição que ocupamos nessas constelações sócio-

⁶⁰ ORFEU, Carlos. *nervura*. São Paulo: Patuá, 2019, p. 85.

⁶¹ Como apontado por Édouard Glissant, “Existem comunidades de linguagem que ultrapassam as barreiras da língua”. GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, p. 245..

históricas, não dar por certa nossa compreensão sobre o que enunciam e propõem. Para pessoas brancas, significa sobretudo não desejar ocupar, mais uma vez, os territórios de vida e linguagem recém-criados – eles não são mais um lugar para visitarmos como turistas ávidos ou para nos sentirmos em casa: são espaços para adentrar com respeito e, inclusive, um certo mal-estar, dado que os espelhos aí presentes nos refletem de modo bastante distinto, sem ocultar a violência em que se assenta nossa identidade racial ou nacional.

Nayyirah Waheed, no poema “tenho sete palavras diferentes/para amor. você/só tem uma. faz bastante sentido”, registra o quanto as experimentações com a língua para produzir o país de palavras da qual ela é cidadã passam pela produção do desconforto:

meu inglês é truncado./de propósito./você/tem que se esforçar mais
para me compre-/ender./quebrar essa língua/que você tanto ama/é
meu prazer./na sua arrogância/você presume que eu quero a sua lín-
gua esquelética./que minha boca está construindo um/cômodo para/
ela/atrás da minha garganta./não está.⁶²

Dito de outra maneira: aceitar as responsabilidades envolvidas na escuta de um testemunho não se resume à “empatia” e muito menos passa pela identificação; aceitar tais responsabilidades significa experimentar “a quebra da língua” – ficar com tal desconforto por algum tempo, abrir espaço para outros modos de relação.

Considerações finais: poéticas do exílio, políticas do luto

Iniciamos o artigo com questões a respeito da memória e do testemunho possíveis de catástrofes distintas, mas inextricavelmente conectadas: a da escravidão e tráfico de africanos e a da invasão e colonização de povos nativos das Américas. Estando tais eventos

⁶² WAHEED, Nayyirah. *salt*. [s.l.], 2013 [ebook]. No original: “my english is broken./on purpose./you/have to try harder to under-/stand/me./breaking this language/you so love/ is my pleasure./in your arrogance/you presume that i want your/skinny language./that my mouth is building a/room for/it/in the back of my throat./it is not. - i have seven different words/for love. you/have only one. that makes a lot/of sense”.

distantes, em uma perspectiva linear da história, seria possível pensar na possibilidade de lembrá-los? Quais os efeitos de tal memória sobre o presente? Em especial, quais os efeitos de tal memória para as comunidades políticas constituídas em torno do estado-nação e da cidadania?

Para enfrentar e deslocar tais questões – pois não se trata de pacificar sua pungência com respostas fechadas –, estabelecemos diálogo com um conjunto de escritoras afro-americanas, isto é, cidadãs de países localizados nas Américas, cujas origens familiares remetem não apenas ao continente africano, mas ao momento do tráfico transatlântico.

Na primeira seção, enfrentamos o problema que organiza o presente dossiê, o das relações entre Literatura e Exílio, chamando a atenção para as maneiras pelas quais Dionne Brand, Lubi Prates e Nayyirah Waheed trazem para sua escrita o continente africano, como perda irreparável, como violação do lar e do pertencimento, e como espectralidade que materializa o mal-estar em relação a uma experiência de cidadania sempre incompleta.

Em artigo em que examina os sentidos complexos da constituição de espaços de memória da escravidão como roteiros de turismo no continente africano, Saidiya Hartman inicia comentando a placa memorial instalada no pátio do Castelo de Elmina, em Gana, que serviu como entreposto no comércio transatlântico, tendo sido, portanto, espaço em que escravizados eram marcados e aprisionados, à espera dos navios que os levariam para as Américas. Como em outros lugares de memória, a placa reconhece o passado violento e o articula com o compromisso de evitar sua repetição. Observando suas palavras, Hartman aponta alguns dilemas da memória e levanta questões próximas àquelas trazidas pelos escritos com os quais dialogamos:

A dificuldade colocada pela placa de injunção a fim de re-lembrar é tanto a fé que ela evidencia nas capacidades reparadoras da memória, quanto a confiança que ela trai na distinção fundadora ou na ruptura entre o antes e o agora, pois a distinção entre o passado e o presente naufraga na interminável dor engendrada pela escravidão e suas consequências. *Como podemos entender o luto [mourning] quando o evento ainda tem que terminar? Quando as feridas não apenas perduram, mas são também infligidas de novo? É possível lamentar [mourn] o que ainda não parou de acontecer?* O ponto aqui não é negar a abolição da escravidão ou afirmar a identidade ou a continuidade do racismo ao longo

do curso de cinco séculos, mas considerar a *natureza constitutiva da perda na formação da diáspora africana e o papel da dor do luto [grief]* na identificação transatlântica, especialmente à luz da ordem da placa de que aqueles que retornam encontrem suas raízes, que só perde para o desejo de que os mortos descansem em paz.⁶³

O exílio e a dor do luto, como vimos, articulam narrações em que a distinção precisa entre passado e presente é colocada em xeque, explicitando a contemporaneidade entre o agora e o “tempo da escravidão”⁶⁴. Como sugere Hartman,

Na medida em que permite ao ofendido recontar a história que engendrou a degradação da escravidão e a constituição injuriosa da negritude [*blackness*], o luto pode ser considerado uma prática de contramemória que atende ao que foi negado e reprimido.⁶⁵

Em grande medida, o tema da contramemória foi retomado na segunda seção, a partir de poemas de Tatiana Nascimento, Nayyirah Waheed, Lubi Prates e Carlos Orfeu. Procuramos destacar o teor testemunhal que pode ser percebido em seus escritos, permitindo passar tanto os aspectos diretamente relacionados à sobrevivência da escravidão, quanto gestos de vida, inscritos no corpo, na trama das relações familiares, nas formas de resistência e reinscrição.

A partir do poema de Tatiana Nascimento, chamamos a atenção para como, a partir dos números, a autora explicita nexos que conectam o desvalor de vidas negras, produzido pelos processos discutidos na seção anterior, e o bloqueio às possibilidades de reconhecimento dessas perdas como efeitos de violência e de enlutamento público por essas vidas. Nesse sentido, além da contabilidade necropolítica (para utilizar a expressão mobilizada por Verónica Gago), que ecoa a contabilidade da escravidão, são necessários gestos de cuidado com os mortos, de ontem e hoje, para

⁶³ HARTMAN, Saidiya. Tempo da escravidão, *Contemporânea*, São Carlos, v. 10, n. 3, pp. 927-48, set.-dez. 2020 (Dossiê Diáspora africana), pp. 928-9, grifo nosso. Disponível em: <<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1017>>. Acesso em 3/6/2021.

⁶⁴ *Ibidem*, pp. 928-9.

⁶⁵ *Ibidem*, p.943.

retirá-los da violência ordinária que tem convertido suas mortes em não acontecimentos. Tais gestos de cuidado e amor sustentam o trabalho sempre precário e agonístico das poéticas e das políticas de memória e luto.⁶⁶

Os demais poemas presentes na segunda seção nos mostram alguns caminhos nesse sentido, uma vez que não propõem uma reparação que nega a perda ou a fratura, mas afirmam a produção da vida a partir de fragmentos, vestígios e ruínas, transmitidos ou sobreviventes ao furor da violência.

E, a despeito das observações ao final da segunda seção, o exercício de leitura e pensamento aqui compartilhado teve como principal objetivo registrar como conhecimentos e imaginações produzidos nas margens da nação brasileira nos colocam problemas fundamentais de reconhecimento, memória e justiça, convocando a montagem de novos arranjos políticos, novas relações com o tempo, novas relações com todas as possibilidades e formas de vidas que perdemos ao longo destes cinco séculos.

Bibliografia

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BRAND, Dionne. *A Map to the Door of No Return. Notes on Belonging*. Toronto: Vintage Canada, 2001.

CHATTERJEE, Partha. La utopía de Anderson. In: CHATTERJEE, Partha. *La nación en tiempo heterogéneo y otros estudios subalternos*. Buenos Aires: Siglo veintiuno, 2008, pp. 107-21.

⁶⁶ Para uma análise das maneiras como tais políticas têm sido produzidas no contexto de movimentos de mães e familiares de vítimas de violência de Estado no Brasil, ver LEITE, Márcia Pereira. As mães em movimento. In: LEITE, Márcia P.; BIRMAN, Patrícia (Orgs.). *Um mural para a dor. Movimentos cívico-religiosos por justiça e paz*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004, pp. 140-90; e VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional, *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 37, pp. 79-116, julho-dezembro de 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332011000200004>>. Acesso em 20/12/2021.

CRAPS, Stef. *Postcolonial witnessing. Trauma out of bonds*. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2015.

CRAPS, Stef et al. Decolonizing Trauma Studies Round-Table Discussion, *Humanities*, pp. 905-23, 2015. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2076-0787/4/4/905>>. Acesso em 20/12/2021.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vagalumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar Escrever Esquecer*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009, pp. 49-57.

GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. Dead book remains. In: ENWEZOR, Okwui (Ed.). *Grief and Grievance: art and mourning in America*. New York: New Museum, 2019, pp. 117-21.

HARTMAN, Saidiya. Tempo da escravidão, *Contemporânea*, São Carlos, v. 10, n. 3, pp. 927-48, set.-dez. 2020 (Dossiê Diáspora africana). Disponível em: <<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1017>>. Acesso em 3/6/2021.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos, *Revista EcoPós*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, pp. 12-33, 2020 (Dossiê Crise, Feminismo e Comunicação). Disponível em: <<https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640>>. Acesso em 10/5/2021.

HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

IPEA. *Atlas da Violência 2020*. Brasília: IPEA, 2020. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020?msclkid=a452e749a53e11eca34b5881a6960824>>. Acesso em 10/12/2021.

JARDIM, Fabiana A. A. Por entre as chamadas da infância: Presente, memória e transmissão de experiências de violência estatal, *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, pp. 155-78, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/childphilo.2016.23331>>. Acesso em 10/12/2021.

JARDIM, Fabiana A. A. Dos gestos (e imagens) necessários à afirmação da vida: cultura política, práticas de memória e pandemia, *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social* – Rio de Janeiro, Reflexões na Pandemia 2021. Disponível em: <<https://www.reflexpandemia2021.org/texto-109>>. Acesso em 7/9/2021.

KENNEDY, Rosanne; BELL, Lynne; EMBERLEY, Julia. Decolonising testimony: on the possibilities and limits of witnessing, *Humanities Research*, v. XV, n. 3, 2009. Disponível em: <<https://press-files.anu.edu.au/downloads/press/p15131/html/Intro.xhtml?referer=&page=2#toc-anchor>>. Acesso em 10/11/2021.

LEITE, Márcia Pereira. Entre o individualismo e a solidariedade: dilemas da cidadania e da política no Brasil, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 15, n. 44, pp. 73-90, 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092000000300004>>. Acesso em 5/6/2021.

LEITE, Márcia Pereira. As mães em movimento. In: LEITE, Márcia P.; BIRMAN, Patrícia (Orgs.) *Um mural para a dor. Movimentos cívico-religiosos por justiça e paz*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004, pp. 140-90.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. Necropolítica, *Arte & Ensaios*, revista do ppgav/eba/ufrrj, n. 32, pp. 123-51, dezembro 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>. Acesso em 3/8/2021.

MCKITTRICK, Katherine. Mathematics Black Life, *The Black Scholar*, v. 44, n. 2, States of Black Studies, pp. 16-28, Summer 2014.

NASCIMENTO, Tatiana. *Iundu*. 2ª ed. Brasília: Padê, 2019.

NASCIMENTO, Tatiana. Diz/topias, *Suplemento Pernambuco*, n. 170, pp. 12-7, abril de 2020.

ORFEU, Carlos. *nervura*. São Paulo: Patuá, 2019.

PATERSON, Orlando. *Escravidão e morte social. Um estudo comparativo*. São Paulo: Edusp, 2008.

PRATES, Lubi. *um corpo negro*. São Paulo: Nosotros, 2018.

SCOTT, David. That Event, This Memory: Notes on the Anthropology of African Diasporas in the New World, *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, Toronto, v. 1, n. 3, pp. 261-84, Winter 1991.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura, testemunho, tragédia: pensando algumas diferenças. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2018, pp. 81-104.

SILVA, Denise Ferreira. Ninguém: direito, racialidade e violência, *Meritum*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, pp. 67-117, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://revista.fumec.br/index.php/meritum/article/view/2492?msckid=f8195b99a53f11eca7be15a4fbb195e9>>. Acesso em 10/7/2021.

SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX*. 2^ª ed. corrigida. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional, *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 37, pp. 79-116, julho-dezembro de 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332011000200004>>. Acesso em 20/12/2021.

WAHEED, Nayyirah. *salt*. [s.l.], 2013 [ebook].